

VIDA URBANA

Violência sexual vem de dentro de casa

CRIME Jovem que foi violentada durante toda a infância pelo próprio pai conta história dramática; dados da SSP apontam que neste ano 183 crianças já foram estupradas no Estado

Luana Fernanda

luana.fernanda@jtocantins.com

Comunicativa e com um olhar triste, a estudante Maria (nome fictício), 29 anos, conta que foi violentada sexualmente na infância pelo próprio pai. Ela diz que os abusos começaram quando era ainda um bebê e se estenderam até os 12 anos de idade. “A minha mãe trabalhava o dia todo e eu ficava em um sítio. Na época eu falei que um moço tinha tocado em mim, mas eu não conseguia distinguir quem era essa pessoa. Eu lembro de fragmentos, como se fossem pequenos flashes daquele terror que vivi”, desabafa.

A jovem relata que, além dos abusos físicos, ela também era agredida psicologicamente, violência que se estendeu até este ano. Há quatro meses, seus pais se separaram e ela relata que, pela primeira vez, sentiu paz. Como se a história não estivesse espantosa o suficiente, a estudante relata que sua irmã, de 23 anos, também sofreu quando era criança o mesmo tipo de assédio do pai. “A minha irmã se lembra dele falar que queria ela, como mulher, e esse foi exatamente o gatilho pra eu me lembrar dos assédios que sofri. Era estranho, ele sempre estava excitado perto da gente”.

A moça, que move cinco pro-



Lia Mara

DOR Casos de violência subnotificados ainda são altos e atrapalham estatísticas reais no Tocantins

cessos contra o pai, afirma que aos 12 anos desenvolveu uma síndrome do pânico. Transtorno que é acompanhado atualmente por profissionais.

“Eu tenho crises diárias. Às vezes quando eu como tenho a sensação de que vou morrer. Eu sempre tive uma relação de ódio com meu pai, mas não sa-

bia explicar o que era. Eu tinha repulsa, principalmente porque ele era muito agressivo. Ele já tentou me agredir fisicamente, ele me esmurrava, me machucava muito. Já tive fraturas na coluna por causa disso. Ele era muito agressivo e não precisava de nenhum motivo para isso. Ele nunca me ameaçou de

morte, mas eu sempre tive medo dele me matar”.

NA JUSTIÇA

Maria luta na Justiça para conseguir tirar o nome do pai de seus documentos e por causa do medo, ela garante que ainda com medida protetiva contra o agressor. “Ele é um mons-

tro psicopata. Eu sempre tive aversão a ele. Em todos os sentidos. Nunca existiu uma cena de pai e filha, de abraço e carinho paternal entre a gente. O que me dá desespero é saber que ele está solto. Se ele fez isso na própria família, o que impede de fazer com os outros?”, questiona.

A jovem ainda comenta que sua mãe não presenciava as agressões e por ser o sustento da casa, na maioria das vezes estava fora trabalhando. “Eu acredito que ele me manipulava para não contar a ela as coisas que aconteciam. Tudo isso causou muita coisa ruim. Até hoje eu tomo tarja preta (remédio controlado) e faço acompanhamento psiquiátrico. Não é uma decisão fácil, mas se eu tivesse lembrado em qualquer momento da minha vida eu teria feito muito pior. Já teve momentos que eu dormi com a faca do lado da cama com medo dele me matar. Sempre tive pavor do meu pai”, desabafa.

DADOS

A história de Maria ocorreu há 29 anos e se fosse hoje faria parte da estatística da Secretaria de Segurança Pública (SSP), que aponta que somente neste ano, 183 crianças foram estupradas. Destes casos, 173 contra meninas.

No ano passado, ainda segundo os dados, 471 menores foram vítimas desse mesmo crime. Do total, 431 cometidos contra meninas e 40 contra meninos. A pasta também contabiliza as tentativas de estupro ocorridas no Tocantins. Este ano dois casos foram registrados, enquanto em 2017 a SSP contabilizou 34 crimes desta natureza.

“JÁ TEVE MOMENTOS QUE EU DORMI COM A FACADOLADO DA CAMA COM MEDO DE LE ME MATAR. SEMPRE TIVE PAVOR DO MEU PAI”, MARIA

Número de casos no TO preocupa

A titular da Delegacia da Infância e Adolescência Ana Carolina Marinho Braga, comenta que o número de casos de estupro de crianças no Tocantins é preocupante, tanto pela gravidade das consequências físicas e psicológicas que a violência traz ao desenvolvimento dos menores, como o fato do alto número de ocorrências ser aquém da realidade, diante dos casos de subnotificação, que sequer

podem ter chegado ao conhecimento da rede de proteção e das autoridades.

Ela destaca que os casos mais frequentes são de estupro de vulnerável que não consistente na prática de conjunção carnal. Ou seja, atos libidinosos como beijos, toques nos órgãos genitais e prática de sexo oral, que praticados contra menores de 14 anos também constituem crime, inclusive de natureza repulsiva.

“Infelizmente, muitas famílias ainda preferem silenciar quanto à violência contra crianças. Muitas vezes pensando na repercussão social e punição de agressores que na maioria dos casos fazem parte da família, bem como às vezes pela dependência financeira em relação aos autores do crime”, acrescenta.

A delegada informa que a denúncia pode ser feita pelo disque100, que é registrado em âm-

bito nacional e também junto a qualquer órgão de proteção local, como delegacia de polícia e conselho tutelar, podendo inclusive ser realizada de forma anônima. “Se tiver conhecimento de qualquer violação aos direitos da criança e do adolescente, denuncie”, alerta.

Em Palmas, a titular acredita que como um retrato de todo o Estado, os casos acontecem em todas as regiões e independe da

classe social das famílias. “É um mal silencioso que às vezes advém de distúrbios psicológicos e reprodução de violência ao oportunismo dos agressores para se aproveitar da condição de vulnerabilidade de suas vítimas. As denúncias partem de todas as formas, anônimas, trazidas pela indignação dos familiares, através das escolas, conselho tutelar e da rede de saúde”. (Luana Fernanda)